

ESCOLAS RURAIS

2-4-44

A campanha de produção agrícola, de que falamos no Domingo passado, sugere-nos um outro tema, a nosso ver bem digno dos mais cuidadosos estudos.

Não se dirá, por certo, novidade nenhuma afirmando dever-se à pouca preparação técnica do trabalho a pobreza da nossa economia agrícola. Arrosteamos a terra, semeamos os campos, cultivamos as sementeiras e fazemos as colheitas à forma antiga, pouco mais acrescentando aos sistemas passados de cultura do que o auxílio precário dos adubos químicos nem sempre devidamente escolhidos para as necessidades do solo.

O trabalhador rural, o proprietário agrícola, o rendeiro das terras desconhecem os rudimentos das ciências agrárias. Não sabem, portanto, tirar proveito das condições do clima, da estrutura do solo, nem sequer dos processos novos de cultura. A terra produz, regada mais pelo suor do cavador, do que pelo esforço inteligente de quem sabe arrancar-lhe do seio, com menor trabalho e mais rendimento, a selva criadora que fecunda a semente e aloira as searas. Os segredos da natureza e o saber profissional, conquistou-os a gente do campo pela experiência da vida e pelos ditados do povo. De geração em geração, continua a terra a produzir pelo mesmo sistema de sempre.

Quando se pede, por isso, um maior rendimento ao solo, logo se cuida no arroteamento de novas terras, ou de aumentar uma cultura em prejuízo das outras. Muita batata, pouco milho; mais trigo, menos feijão. Cultura intensiva e científica do solo constitui segredo inacessível à grande maioria dos produtores agrícolas.

Manda a verdade dizer, porém, que a culpa da sua ignorância não lhes pode ser totalmente imputada. Nascidos no campo, sem contacto com os centros do saber, sem mestres que lhes ensinem os conhecimentos modernos, isolados, sem organização profissional que os prepare tecnicamente, não admira vê-los agarrados à experiência do passado e receosos de inovações que lhes podem ser fatais. Preferem o menos com segurança, do que o mais com incerteza.

As necessidades da moderna economia exigem, no entanto, que este desprimoroso e ruinoso estado de coisas se vá modificando. E porque não começar a formação profissional do trabalhador do campo pela escola primária?

Pareceu-nos sempre defeituosa a orientação do ensino primário entre nós. Graves razões haverá por certo — e se outras não houvesse, bastaria a da rotina — para impor o mesmo programa de ensino às escolas primárias das cidades e dos campos. O rapaz e a rapariga que vivem na serra e que nunca verão em toda a vida senão o mesmo céu que os viu a eles nascer, a mesma terra que pisaram em criança, os mesmos campos, os mesmos regatos e montes; a criança que se destina a passar a mocidade e a velhice agarrada à enxada, sempre no meio dos mesmos animais domésticos, têm de sujeitar-se ao mesmo exame de instrução primária que as crianças da capital que vão frequentar os liceus, exercer cargos públicos, ingressar no comércio e na indústria, ou seguir carreiras universitárias.

E o rude camponês, cujas ambições se limitam a possuir um campo quando for grande, e ter no seu curral umas lindas caçegas de gado, há-de cansar o cérebro nos bancos da escola a decorar de cabo a rabo os promontórios do continente, os infimos afluentes de todos os rios que regam solo pátrio, as vilas e as produções de todas as ilhas portuguesas do oceano, a orografia, o clima, a fauna e a flora das longínquas terras de todas as parcelas do nosso império colonial!

O pobre camponês, aliás, nem se contém nas mais próximas dezenas de quilómetros quadrados que circundam o seu lar, há-de saber de cor e salteado os nomes dos generais que se distinguiram em todas as batalhas, as rainhas de Portugal e muitas do estrangeiro, os nomes e cognomes de todos os Reis e Presidentes da República, eu sei lá quantas outras coisas que os doutores não são capazes de repetir de cor, nem nunca viram necessidade nenhuma de voltar a aprender.

A escola primária nas aldeias tem por isso reduzido interesse para os filhos dos camponeses. A grande maioria dos alunos não se entusiasma com o ensino, e vê a escola como um grande pesadelo. E falta sempre que pode, não tendo outra ambição em fazer exame senão o da vaidade de possuir a carta de instrução primária — vaidade quasi sempre

mais da família do que deles próprios, os direitos.

Não tem atractivo e, digamos tudo, tirando pouco mais do que saber ler bem, escrever e contar, os rudimentos da nossa história pátria e alguns conhecimentos de carácter geral, não tem utilidade prática.

Mais atraente e proveitosa seria a escola primária se, depois dos conhecimentos essenciais, o professor ensinasse aos alunos aquilo que lhes pode interessar e que lhes será útil pela vida fora. O conhecimento da terra, os processos novos de cultura, a maneira de tirar do solo as riquezas imensas que nele se contém, rudimentos de pecuária, etc. etc. Os alunos, familiarizados com a vida agrícola, afeitos já aos labores duros da terra, acharia na escola um encanto que até aqui não tem, correria a aprender com avidez, juntaria à ciência dos livros os ensinamentos práticos de campos de experiência, e bendiria o tempo empregado em compreender os segredos da generosa fecundidade da terra, que ele vê florir e frutificar sem saber porque.

A escola primária adaptada às necessidades dum ensino proveitoso para os alunos que se destinam à vida rural, abriria assim esplêndidos e amplos caminhos ao progresso da agricultura portuguesa. E não iria beneficiar apenas os filhos da terra, mas promoveria também o enriquecimento da Nação inteira.

Quando observamos o nível de vida das nossas populações rurais, sobretudo no centro e norte do país, e as comparamos com a de outros centros agrícolas da Europa, não podemos deixar de concluir da urgência duma revolução na nossa agricultura, que poderia muito bem começar a fazer-se por uma adaptação do ensino primário às exigências profissionais dos futuros agricultores portugueses.

A dificuldade da tarefa é certamente muito grande. Não queremos contestá-lo, nem minimizar os obstáculos que haveria de vencer-se para atingir semelhante objectivo.

Mas nunca esqueçamos o salutar princípio realizador de que Séneca se fez eco: *non quia difficilia sunt non audemus, sed quia non audemus difficilia sunt.*

Não é porque as coisas são difíceis que não ousamos fazê-las. Mas antes, porque as não ousamos fazer, é que elas são difíceis.

ABEL VARZIM.